

A LEXICULTURA NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

THE LEXICULTURE IN PORTUGUESE OF MOZAMBIQUE

LA LEXICULTURA EN EL PORTUGUÉS DE MOZAMBIQUE

*Alexandre TIMBANE**

Resumo: A presente pesquisa discute a interação entre o léxico e a cultura no seio de uma comunidade linguística. A pesquisa tem por objetivos identificar traços léxico-culturais nos principais jornais de circulação em Moçambique e explicar a ligação entre o léxico e a cultura tendo em conta os contextos socioculturais. Baseado num *corpus* recolhido nos jornais “Notícias” e “Verdade” se conclui que os neologismos estão intimamente ligados à cultura e refletem o que acontece num determinado período do tempo e num dado lugar. A pesquisa conclui que alguns neologismos resistem ao tempo, alguns desaparecem e outros se atualizam dando a entender que as línguas são dinâmicas e se movimentam com base em variáveis sociais. Conclui-se ainda que o léxico do Português de Moçambique distancia-se das outras variedades do português devido à estreita ligação com a cultura dos falantes das diversas línguas bantu moçambicanas que interagem entre si e quando entram em contato com o português, por ser esta, a língua oficial de Moçambique.

Palavras-chave: Léxico; Cultura; Português de Moçambique.

Abstract: This study discusses the interaction between the lexicon and the culture in the language community. The research aims to identify lexical-cultural traits in major circulation newspapers in Mozambique and to explain the link between the lexicon and culture taking into account the socio-cultural contexts. Based on a corpus collected in the “Notícias” and “Verdade” newspapers, we conclude that neologisms are closely linked to culture and reflect what happens in a given period of time and at any place. The research concludes that some neologisms withstand time, some disappear and others are updated implying that languages are dynamic and move based on social variables. It was also concluded that the lexicon of Mozambique Portuguese distances itself from other varieties of portuguese because of the close connection with the culture of the speakers of the various mozambican bantu languages that interact with each other and when they come into contact with the portuguese as the official language of Mozambique.

* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (2013) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor titular na Universidade Academia de Ciências Policiais de Moçambique (ACIPOL) – Maputo – Moçambique. Contato: alextimbana@gmail.com.

Keywords: Lexicon; Culture; Portuguese of Mozambique.

Resumen: Este estudio discute la interacción entre el léxico y la cultura dentro de una comunidad lingüística. La investigación tiene como objetivo identificar los rasgos léxico-culturales en los principales periódicos en circulación en Mozambique y explicar la relación entre el léxico y la cultura, teniendo en cuenta los contextos socioculturales. Basado en un corpus recogido en los periódicos "Notícias" y "Verdade" se concluye que los neologismos están estrechamente vinculados a la cultura y reflejan lo que sucede en un determinado período de tiempo y en un lugar. La investigación concluye que algunos neologismos resisten al tiempo, algunos desaparecen y otros se actualizan señalando que las lenguas son dinámicas y se mueven en función de variables sociales. También se concluye que el léxico del Portugués de Mozambique se distancia de otras variedades del portugués debido a la estrecha relación con la cultura de los hablantes de diferentes lenguas bantúes mozambiqueñas que se interactúan y cuando están en contacto con el portugués, puesto que es la lengua oficial de Mozambique.

Palabras-clave: Léxico; Cultura; Portugués de Mozambique.

Introdução

Moçambique é um país multilíngue onde convivem mais de vinte Línguas Bantu¹ (doravante LB), o árabe e o hindu num território ocupado por pouco mais de 24,4 milhões de habitantes, segundo Moçambique (2013). A maioria da população moçambicana reside nas zonas rurais e fala as diversas LB distribuídas de forma desigual ao longo do país e o português tem o estatuto de língua oficial, segundo a Constituição da República (2004). O português é língua de prestígio e é usado na educação e na oficialidade.

O português em Moçambique (PM) já é dos moçambicanos e não pertence mais a Portugal, pois responde às necessidades comunicativas do povo moçambicano. O número de falantes de português como língua materna vem crescendo desde 1980 (1,2%) para 2007, chegando a atingir 10,7%. (TIMBANE, 2013b, p. 36). Cerca de

¹ Considera-se a existência de mais de vinte línguas porque estudos estão sendo feitos para identificação, classificação e integração das mesmas no Acordo Ortográfico. O Acordo Ortográfico da LB moçambicanas realizado em 2008 padronizou a ortografia de 17 línguas bantu moçambicanas que são: *kimwani*, *shimakonde*, *ciyaawo*, *emakhuwa*, *echuwabu*, *cinyanja*, *cinyungwe*, *cisena*, *cibalke*, *cimanyika*, *cindau*, *ciwute*, *gitonga*, *citshwa*, *cicopi*, *xichangana* e *xirhonga*. (NGUNGA; FAQUIR, 2011).

60% (2010)² dos cidadãos já falam português em Moçambique. O crescimento se justifica pelo deslocamento da população do campo para cidade, pela escolarização obrigatória, pela política e pelo planejamento linguístico implementado pelo Governo e pelo prestígio que o português tem a nível regional e internacional.

Tal como mostram Timbane e Berlinck (2012), o PM difere do português europeu a nível sintático, fonético-fonológico, morfológico e, sobretudo, a nível lexical. Discutindo sobre “a variação e mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique”, Timbane (2013b) mostra que o PM recebeu contribuição lexical de diversas línguas: do inglês, do afrikaans, do zulu, do árabe e das LB moçambicanas.

Nesta pesquisa, pretendemos mostrar como a língua está intimamente ligada à cultura. Sendo assim, as escolhas lexicais indicam a pertença cultural de quem escreve/fala. São marcas que permanecem porque a expressão de ideais está intimamente ligada às experiências que o indivíduo tem dentro da sua comunidade linguística. Antunes (2012) concorda com a ideia de que nos grupos em que atuamos ou naqueles com que interagimos, somos identificados também pela linguagem que usamos. Segundo Antunes (2012, p. 46), “é a forma de pronunciar as palavras; é a curva melódica de nossas entoações. São os tipos de combinações sintáticas que fazemos [...] e outros muitos itens que denunciam a nossa proveniência”.

Sendo assim, levantamos a seguinte questão: Que ligação existe entre o léxico e a cultura moçambicana? A hipótese é a de que a colonização trouxe um contributo maior no léxico do PM, mas agora, a variedade traça o seu próprio caminho colocando em evidência as características socioculturais do povo. A pesquisa tem por objetivo identificar traços léxico-culturais nos principais jornais de circulação em Moçambique; explicar a ligação entre o léxico e a cultura tendo em conta os contextos socioculturais.

1 O conceito léxico e cultura no contexto Moçambicano

Como vimos, Moçambique é um país multilíngue e cada língua carrega consigo a cultura do seu grupo étnico-linguístico. Por sua vez, o português recebe contribuições linguísticas de várias línguas. O

² Dado do Observatório da Língua Portuguesa (2010).

importante é discutirmos o que se entende por léxico de uma língua. O léxico de uma língua, segundo Correia e Barcellos Almeida (2012), é entendido como o conjunto de todas as palavras que fazem parte da língua, ou seja, seria o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua incluindo os neologismos e os arcaísmos.

O léxico é a face mais marcante na língua e é “a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem” (ANTUNES, 2012, p. 27). Para Antunes, o léxico é aberto, inesgotável, constantemente renovável. A sua variação e mudança provam que as línguas não são estáticas, quer dizer, elas evoluem tendo em conta as variáveis sociais. Um dos aspectos importantes a marcar é que o léxico varia de cultura para cultura, de comunidade linguística para comunidade linguística. Por isso que o léxico identifica uma determinada comunidade em seus aspectos socioculturais. Uma unidade lexical simples como *lobolo* ou *lovòlo* não é reconhecida no Brasil ou em Portugal, ou seja, ela ocorre no contexto de Moçambique e representa um evento cultural moçambicano – a cerimônia tradicional de entrega do dote. As unidades lexicais *gol*, *escanteio*, *impedimento* não são reconhecidas em Angola, em Moçambique etc., pois elas fazem parte do português brasileiro. O léxico “é o inventário das unidades significativas responsáveis pela conceituação e representação do universo empírico natural e do sociocultural produzido pela atividade dos homens em sociedade.” (COELHO, 2008, p. 14).

A lexicultura é uma palavra formada pelas unidades lexicais “léxico” e “cultura”. O conceito “léxico” já foi discutido nos parágrafos anteriores. Entendemos por “cultura” como o conjunto de padrões de comportamento, de conhecimento, de crença, da arte, da moral, da lei, dos costumes e de todos os outros hábitos e capacidades adquiridas pelo homem como membro da sociedade. Sendo assim, a cultura carrega consigo as suas especificidades, por isso que se pode notar a existência de significados e sentidos semânticos diferentes de uma comunidade linguística para outra.

Entendemos por **lexicultura** o conjunto de itens lexicais que caracterizam e especificam uma determinada comunidade linguística. Quer dizer, quando um falante pronuncia uma determinada palavra, nós o identificamos como membro pertencente ao grupo “X” ou “Y”. Em outras palavras, a lexicultura seria a identidade lexical de um indivíduo ou de uma comunidade linguística. Dividimos a lexicultura

em duas partes: A **lexicultura geral**, aquele conjunto de itens lexicais que são identificados por toda comunidade linguística, neste caso, a comunidade lusófona. A **lexicultura específica**³ se refere ao conjunto de itens lexicais que caracterizam uma variedade ou variante específica, ou seja, pertence a um grupo restrito. Pertencem a este grupo os angolanismos, os brasileirismos, os moçambicanismos etc.⁴. Há momentos da história da língua em que certas palavras deixam de pertencer a um grupo linguístico específico e generalizam-se por toda comunidade, passando assim do específico para o geral. Essas unidades lexicais podem ser encontradas em dicionários brasileiros, portugueses e moçambicanos (se vir a surgir). Isso significa que as palavras podem passar da fase específica para a geral e vice-versa. Isso acontece porque a língua é sempre dinâmica e muda constantemente motivado por fatores socioculturais e sociocognitivos (BAGNO, 2014).

É através desta concepção que debates sobre o uso dos dicionários entram em jogo. Porque o dicionário brasileiro, por exemplo, não é aceito em escolas portuguesas? A justificação se centra nas particularidades da variedade do português brasileiro, pois a lexicultura brasileira não é identificada em Portugal. Esse fenómeno não pode ser ignorado e ser considerado inexistente na Comunidade de Países de Língua Portuguesa. A variedade existe, é real e deve ser encarada como um aspecto positivo na comunidade linguística lusófona. O importante aqui é reconhecer que cada um deve ou pode usar cada lexicultura específica sem preconceito e sem exclusão.

Timbane (2012a) e Timbane e Berlinck (2012) discutindo sobre a norma-padrão europeia e a mudança linguística na escola moçambicana mostram que a literatura moçambicana tem trazido muitos termos das diversas LB para o português. Os autores dão exemplos de *machimbombo* (ônibus ou autocarro ou toca-toca), *machamba* (horta), *madala* (indivíduo com mais idade), *nhamussorro* (curandeiro), *timbilas* (xilofones). A origem de estrangeirismos

³ Deixamos claro que a “lexicultura específica” não pode ser confundida com o **termo** que é estudado com muita propriedade em terminologia. Um dicionário do português brasileiro não satisfaz na totalidade um falante do português angolano ou moçambicano etc. Da mesma forma que o contrário podem provocar os mesmos problemas e isso tudo é provocado pela lexicultura específica.

⁴ Conferir mais exemplos em Timbane (2013a).

“necessários”⁵ não só é proveniente da literatura, mas também das diferentes áreas do saber cultural.

A língua xichangana (uma LB falada na região sul de Moçambique), por exemplo, acolheu contribuições do inglês para cobrir essa “necessidade” imediata fazendo surgir as palavras *buku* (do inglês *book* que significa “livro”), *ngini* (do inglês *engine*, que significa “máquina”), *xipunu* (do inglês *spoon*, que significa “colher”), *mubedu* (do inglês *bed*, que significa “cama”), *mhòvâ* (do inglês *to move*, que significa “carro” em xichangana e não no sentido do verbo “mover/deslocar” do inglês), *bhòlwa* (do inglês *ball*, que significa “bola”) respectivamente. (TIMBANE, 2012b, p. 75).

2 A questão do neologismo na atualidade

Os estudos da neologia na atualidade mostram que o conceito de neologismo apresentado em vários estudos publicados no Brasil e no mundo merece ser discutido cada vez mais. Isso significa que precisamos enquadrar às realidades teóricas da realidade cultural de cada comunidade linguística. Todos concordamos que a palavra **neologismo** tem origem grega onde **neo-** significa “novo” e **-logos** significa “noção”. O que significa que estamos diante de uma “palavra nova”, uma “noção nova”. Entendemos que o neologismo não é necessariamente uma “palavra nova”, ou seja, pode ser uma palavra antiga e que ganhou novos valores semânticos, morfológicos, fonético-fonológicos, sintáticos, pragmáticos, etc.

Cotidianamente, falantes atribuem novos significados às palavras já existentes ou mesmo criam novas. Algumas passam a ser usadas com frequência, outras somem conforme o tempo. A criação neológica pode ocorrer a nível individual, a nível da comunidade linguística ou mesmo a nível de grupo de interesse, como é o caso dos termos. Podemos citar a terminologia da apicultura (GONÇALVES PERUCHI, 2013), terminologia das enfermidades (MURAKAWA, 2013), terminologia de futebol (TIMBANE, 2013c).

⁵ Os estrangeirismos “necessários” são aqueles que não têm equivalência na língua portuguesa. O estrangeirismo de “luxo ou de prestígio” é aquele em que a palavra equivalente existe na LP, mas os falantes preferem a palavra estrangeira pelo fato de ser mais bonita, ter mais estilo, ser mais chique ou por razões de identificação cultural. (TIMBANE, 2013b, p. 162-165).

Tal como mostra Sablayrolles (2007) quando discute neologismos, a “novidade” pode acontecer a nível interno da língua (matriz interna) ou a nível externo (matriz externa). Guilbert (1975), por exemplo, discute **neologia lexical** como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em função das regras de produção incluídas no sistema lexical. Boulanger (1989) define como o processo de criação de unidades lexicais, gerais ou terminológicas, pelo recurso aos mecanismos de criatividade lexical de que uma língua dispõe. O que se observa na realidade é que para ser neologismo não precisa que seja palavra nova, mas também pode ser uma palavra já existente que ganha novos valores semânticos, novos valores fonológicos, morfológicos, etc. Por exemplo, da palavra “coxa”⁶, o português brasileiro formou o neologismo “encoxador” para se referir aquele que tira foto ou filma coxas de mulheres alheias no metrô, no ônibus, em lugares públicos etc. O “encoxador” não só é aquele que age dessa forma, mas também aquele que se aproxima intencionalmente a fim de tocar pessoas desconhecidas no ônibus, no metrô, na fila, etc. Há quem diga que haja “encoxatriz” se indivíduo for do sexo feminino, mas a imprensa brasileira pouco faz alusão. A imprensa brasileira define “encoxador” como sendo o ato de esfregar o pênis contra as coxas ou nádegas de alguém alheio para se excitar dentro de um meio de transporte lotado ou em filas.

Todos estes contextos são recentes e têm a ver com contexto real do Brasil (principalmente das grandes cidades), onde há problemas de transporte e os meios de transportes circulam muito lotados. Não significa que em Moçambique, por exemplo, não haja superlotação de passageiros em transportes públicos e privados. Mesmo que o fenômeno exista, a palavra “encoxador” não existe. “Encoxador” faz parte do acervo neológico do português do Brasil e representa um fenômeno específico do Brasil. Este fenômeno sustenta a ideia segundo a qual “a constante expansão do léxico da língua se efetua pela criação de novas palavras, pela incorporação de palavras de outras línguas, pela atribuição de novos sentidos a palavra já existentes” (ANTUNES, 2012, p. 31).

⁶ “Parte do membro inferior entre o quadril e o joelho”. (HOUAISS; VILLAR; MELLO FRANCO, 2009, p. 565).

A criatividade lexical, segundo Timbane (2013a), é motivada pelos contextos sociais de vária ordem, que vão desde os econômicos, os sociais, os culturais, os políticos, etc. Essa particularização espaço-territorial origina o que Timbane (2013a, b) designa por **moçambicanismos** (se ocorre em espaço-geográfico denominado Moçambique), **brasileirismos** (se ocorre em espaço-geográfico denominado Brasil), etc.

Hoje é possível saber com precisão quando um neologismo surgiu, onde e qual é o grupo social que criou. Ao tomarmos o exemplo do neologismo **rolé** ou **rolezinho**, por exemplo, pode-se observar que a unidade lexical surgiu entre 2013-2014, no Estado de São Paulo, pela camada de adolescentes e jovens (de classe social baixa e média) frequentadores de shoppings e parques. Rapidamente, a unidade lexical se espalhou pelas redes sociais em todo país e em todos estados brasileiros. A rápida expansão se justifica pelo uso da *internet* (redes sociais) principalmente em dispositivos celulares, *tablets*, *smartphones*, etc.

As pesquisas de Timbane (2013a) mostram que em muitos casos há unidades lexicais do PM que não têm equivalência no português brasileiro ou vice-versa e também há unidades lexicais em comum só que não possuem o mesmo significado semântico. Constatase que o contato de línguas (em toda lusofonia, exceto em Portugal) favorece o aparecimento de empréstimos e estrangeirismos nas variedades que ocorrem na comunidade. Para além do lugar geográfico, o léxico pode pertencer a um determinado período do tempo, tal como mostra Paula (2013) quando discute sobre o “inventário lexical sobre escravidão negra em Goiás em registros paroquiais.” O levantamento lexical feito na pesquisa da autora mostra que o léxico pode predominar numa determinada época, num determinado período de tempo conjugado a fenômenos histórico-culturais. Algumas dessas unidades lexicais resistem ao tempo, outras desaparecem, outras se recriam ou até se desneologizam.

Falando de neologismos no contexto sociocultural moçambicano, é importante ter em conta a história da comunidade linguística. Em Moçambique, por exemplo, surgiu recentemente a reentrada de caminhões e camionetas que transportam passageiros dentro e fora da cidade. Esses meios de transporte são chamados de “*my love*”, estrangeirismo lexical proveniente do inglês com evolução

semântica. Se formos a notar, “*my love*” em inglês significa “meu amor” e a frase foi escolhida por estar relacionado com “amor” ou “carinho” no qual se pode abraçar. O “abraço” é frequente nestes meios de transporte moçambicanos para evitar queda, o que levou os cidadãos a atribuir a frase “meu amor” (*my love*) para se referir a esse meio de transporte de passageiros.

Outra unidade lexical mais recente é **afinar** que significa tornar-se fino ou mais fino; adelgaçar-se, segundo Houaiss, Villar e Mello Franco (2009, p. 61). Das oito acepções apresentadas pelo dicionário de Houaiss, Villar e Mello Franco (2009) não existe uma acepção que significa “apertar pessoas no ônibus para caber mais”. Pois bem, no contexto do PM “afinar” também significa “apertar pessoas no ônibus para caber mais”. Houve uma extensão do significado da palavra, logo, é um neologismo semântico. Nota-se aqui, a extensão dos valores morfo-semânticos deste verbo. O dicionário prevê “afinar um objeto ou coisa” e jamais “afinar ser humano”. Este novo valor está intimamente relacionado às condições socioeconômicas de uma dada comunidade linguística. Uma unidade lexical mais recorrente entre os moçambicanos é a palavra *txopela*, estrangeirismo proveniente da língua xichangana. Vem do verbo *ku txopela* (rabeirar). Assim, no contexto moçambicano, *txopela* designa um tipo de moto-taxi coberto para proteger o passageiro do frio e da chuva e que muitas vezes está equipado de aparelho de som. Vejamos a seguir como os principais jornais moçambicanos tratam a lexicultura do PM.

3 O léxico nos jornais moçambicanos

A presente pesquisa se centra em dois jornais mais importantes em Moçambique: o Jornal “Notícias” (JN) e o Jornal “Verdade” (JV). A escolha dos dois jornais se justifica pelo fato de serem jornais de maior circulação. O JN é público, comercial e atinge a camada social média alta. O JV atinge a camada social média e baixa, é privado e é de distribuição gratuita. Sendo assim, foram escolhidas aleatoriamente 19 edições do JN e 15 do JV. O JN é diário e o JV é semanal. Todos os jornais analisados correspondem ao período entre 2011 e 2012.

Analisando os neologismos, tendo como base para o *corpus* de exclusão o “Dicionário Integral da Língua Portuguesa” (2008) e o “Dicionário Houaiss” (2009), constata-se que:

- (a) No JN foram identificados 2117 dados, dos quais 40,1% de estrangeirismos são provenientes das LB, 68,1% de outras línguas, 97,3% do inglês e 97,6% de palavras eruditas.
- (b) No JV, os resultados mostram que dos 999 dados coletados, 71,2% dos neologismos identificados provêm das LB, 88% de outras línguas, 87,6% do inglês e 91,9% das palavras eruditas.

Esses dados mostram que a criatividade lexical do PM é inevitável e está sempre presente na fala dos moçambicanos, inclusive na mídia. As unidades lexicais que são integradas no PM são na sua maioria palavra/sigla, tal como ilustra o Gráfico 1.

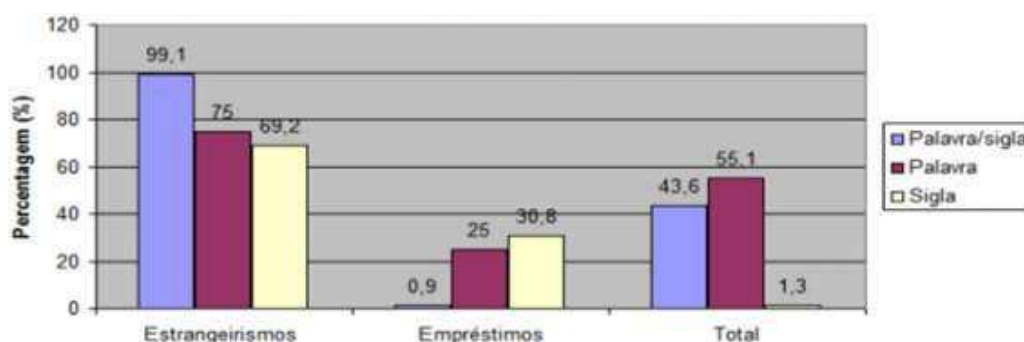


Gráfico 1 - Tipo de formação de empréstimos e estrangeirismos no JN e JV. **Fonte** - Timbane (2013b, p. 250)

Muitos estrangeirismos que entram no PM são substantivos e são “necessários” ou de “luxo”. Vejamos alguns casos de neologismos semânticos extraídos dos jornais:

- (1) “...ou seja, o *lambebotismo* um grupo sobre o qual [...] pior ainda, ele torna-se um *lambebotas* mesmo...”(JV, 16. mar. 2012).
- (2) “...estamos tão bem como apregoamos e nem sequer o *deixa-andar*, jargão amplamente...” (JV, 2. dez. 2011).
- (3) “...transportadores de semi-colectivos de passageiros vulgo *chapa 100* [...] o motorista do veículo automóvel, do *chapa 100*...” (JN, 28. abr. 2012).

A unidade lexical lambebotismo provém da composição por justaposição, em que as unidades lexicais lambe+bota se juntaram formando lambebota. Assim, lambebota é um indivíduo que é muito submisso ao seu chefe, mas com pretensão de ganhar vantagens do seu superior hierárquico. A mesma aglutinação apresentada anteriormente se verificou na formação da palavra “chapa 100” que é a junção de “chapa + 100”. O “chapa 100” é o meio de transporte privado de passageiros. Surgiu pelo fato de que esse transporte (geralmente van ou ônibus) trazia no para-brisa, uma placa com a tarifa do transporte que era (nos anos 1980) de 100 Meticais⁷.

No contexto do PM, deixa-andar significa “desleixo” ou “não tomar atitude positiva numa determinada situação”. É uma palavra que surgiu recentemente (ano 2005) com políticos para se referir aos governos anteriores que deixaram de tomar atitude perante situações político-econômicas importantes de Moçambique.

4 A variação e a mudança semântica do PM

As palavras ganham sentido segundo os contextos nos quais são usadas. Uma única palavra pode ter vários significados dependendo das variáveis sociais. Por vezes, o significado de uma palavra muda ao passar de uma língua para outra por meio do processo que denominamos por estrangeirismo e empréstimo. Vejamos os exemplos extraídos do *corpus*:

(4) “...o já que o seu ten years pega avarias quase cada dia que nasce ...” (JN, 6. abr. 2012, p. 29)

(5) “...mercadorias para revenda, na luta contra os ninjas e com os policias...” (JN, 16. ago. 1997, p. 9)

(6) “... os populares cogitam ser uma catorzinha por sua vez...” (JN, 19. dez. 2011, p. 21)

As palavras estrangeiras destacadas nas frases acima perderam o seu sentido original. No contexto do PM, *ten years* /tenies/ significa “van” (no PB), *ninja* significa “ladrão”, e “catorzinha” significa mulher profissional do sexo (prostituta) independentemente da sua

⁷ Metical (MT) é a moeda em circulação no território moçambicano. 100 MT corresponde a R\$ 7,73.

idade. No princípio, a expressão era usada apenas para moças menores de 18 anos e, com o passar do tempo, o valor semântico se estendeu para qualquer mulher que pratica a prostituição, independentemente da sua idade.

Como pudemos constatar, as unidades lexicais *ten years*, *ninjas* e *catorzinha* perderam o seu valor semântico de origem que corresponde a dez anos, agente secreto (em filmes japoneses) e catorze respectivamente, já que no PM as palavras em itálico significam van, ladrão e prostituta.

Quando falamos de neologismos semânticos, estamos falando de novos significados atribuídos a unidades lexicais novas ou velhas. A palavra “calamidade” é antiga e bem conhecida na LP, mas no contexto do PM, para além do significado já conhecido na lusofonia, significa “roupa usada”. Vejamos a seguir neologismos semânticos no PM: **giro**: recarga de celular; **patrão**: dono de um empreendimento ou aquele que tem dinheiro; **cinzentinho**: polícia civil; **dubai**: qualquer carro importado; **deixa-sofrer**: saia muito curta; **mexe-mexe**: conjuntivite; **batedor**: ladrão.

Estes e muitos outros neologismos aparecem no PM com objetivo de responder ao que chamamos de lexicultura específica. Outras unidades lexicais identificadas nos jornais são: **cena** (coisa, algo, vagina), **damo** (menino que leva anel na cerimônia de casamento ou moços que cortejam um casamento), **casório** (local, lugar onde se realiza uma cerimônia de casamento), **puto** (moço, rapaz), **taco** (dinheiro), **rochar** (errar, falhar), **sograria** (casa dos sogros), **biscato** (trabalho temporário/bico), **babalaze** (ressaca), **infelicidade** (morte), etc.

Os neologismos semânticos são frequentes em português e os dicionários não conseguem dar conta. Uma unidade lexical simples como “chapa” pode trazer ambiguidades de interpretação num consulente moçambicano, tal como o “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa” mostra nas acepções 2, 4, 6, 7, 8, 15.⁸ Das 15 acepções apresentadas pelo dicionário na entrada “chapa”, 6 não fazem parte do

⁸ 2. Terreno plano; 4. Insígnia honorífica feita em metal; 6. camada de substância pastosa que adere a uma superfície; 7. Ideia, frase, dito, sem originalidade; 8. Coisa trivial; repetição fastidiosa; 15. amigo, camarada (HOUAISS; VILLAR; MELLO FRANCO, 2009, p. 447).

contexto moçambicano. Esse é um dado que mostra que o léxico é também uma “foto” da cultura de uma comunidade linguística.

Considerações finais

É importante remarcar que a lexicultura específica que se observa no PM demorará a pertencer à lexicultura geral. O grande impasse é que Moçambique ainda não tem seu próprio dicionário. Aliás, a dependência de dicionários brasileiros e portugueses não é só de Moçambique, mas sim de toda lusofonia, exceto Portugal e Brasil. A riqueza lexical e os *corpora* existem, mas falta um trabalho aprofundado para que se construa um dicionário das variedades africanas.

Entendemos que cada país lusófono precisa preparar e publicar seu dicionário local (lexicultura específica) utilizando os *corpora* escritos e orais locais e a partir deste se pode construir um tesouro da língua portuguesa. O PM, por exemplo, trará exemplos tais como: bichar (fazer a fila), esquinar (esperar alguém na esquina), boatar (propagar mentiras), depressar (andar/fazer rápido), estilar (exibir-se), bala-balar (correr, andar rápido), anelar (pagar dote, *lobolar*), panhar (contrair doenças sexuais), cabular (copiar na prova), barulhar (fazer barulho), cabritar (fazer corrupção), chimbar (bater fortemente), coisar (fazer sexo), engarrafar (fazer feitiço colocando-o/a na garrafa por forma a ter um/uma só parceiro/a), ferrar (dormir), marrar (estudar), mortar (perder no jogo da bolinha), nenecar (colocar o bebé no colo), gazetar (faltar à aula, “matar aula”). O prefixo **des-** tem muita produtividade no PM. É desse modo, que surgiram as palavras **desconseguir** (não conseguir), **despegar** (terminar uma jornada de trabalho), **destrocar** (dar troco em dinheiro), **descabelar** (**despentear**), **desvestir** (tirar a roupa). O mesmo acontece com **desdeixar** (estar sujo), **deslobolar** (devolução do dote), **descasar** (divorciar) etc.

É muito frustrante (principalmente para alunos nas séries iniciais) procurar uma palavra no dicionário e não encontrar. Essa é a rotina de consulentes moçambicanos quando pesquisam palavras ou sentido das mesmas em dicionários brasileiros e portugueses. Terminamos este trabalho chamando atenção para a necessidade de elaboração e publicação de dicionário que mostre as particularidades

léxico-culturais do PM por forma a facilitar a consulta para os moçambicanos e não só.

Nesta pesquisa tentamos mostrar que a língua é composta pelo léxico que está intimamente ligado à cultura (lexicultura) e cada variedade tem as suas características próprias. Entendemos que o léxico é a face mais visível da língua e carrega consigo sempre a cultura de um povo. Se o léxico “é o reflexo do universo das coisas, das modalidades do pensamento, do movimento do mundo e da sociedade” (BARBOSA, 1989, p. 77), então carrega junto a identidade de um povo, suas crenças, seus costumes e hábitos que devem ser respeitado por todos.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

BAGNO, Marcos. *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii*. São Paulo: Parábola, 2014.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1989.

BOULANGER, Jean. L'évolution du concept de neologie de La linguistiqueaux industrie de la langue. In: SCHAETZEN, C. de. (Ed.) *Terminologie diachronique*. Paris: CILF, 1989, p. 193-221.

COELHO, Braz José. *Linguagem: lexicologia e ensino de português*. Catalão: Modelo, 2008.

CORREIA, Margarida; BARCELLOS ALMEIDA, Gladis Maria. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

DICIONÁRIO INTEGRAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. 3. ed. Maputo: Texto Editores, 2008.

GONÇALVES PERUCHI, Rosane Malusá. Os nomes de algumas abelhas e as definições de apicultura: quando a pluralidade das designações e as diferenças de sentido são reveladoras de um olhar histórico. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (Org.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 103-124.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HOUAISS, António; VILLAR, Mauro Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JORNAL NOTÍCIAS. Disponível em: <www.jornalnoticias.co.mz/>. Acesso em: 21 fev. 2011.

JORNAL VERDADE. Disponível em: <www.verdade.co.mz>. Acesso em: 21 fev. 2011.

MOÇAMBIQUE. *Cartas de dados sobre a população de Moçambique*. Maputo: INE/PRB, 2013. Disponível em: <<http://www.prb.org/pdf13/mozambique-population-datasheet-2013.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2014.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Vocabulário das enfermidades em documento do Brasil colonial: o relato de Prodígiosa Lagoa (1749). In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz. (Org.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 83-102.

NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo G. *Padronização da ortografia de línguas bantu moçambicanas*: relatório do 3º seminário. Maputo: AEA/UEM, 2011.

OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Falantes de português*. 2010. Disponível em: <<http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/dados-estatisticos/falantes-de-portugues-literacia>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

PAULA, Maria Helena de. Inventário lexical sobre escravidão negra em Goiás em registros paroquiais. In: PAULA, Luciane Guimarães de; PAULA, Maria Helena de (Org.). *Confluências na linguagem: língua, discurso e ensino*. Goiânia: América Ltda., 2013. p. 41-52.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. *Constituição da República*. (de 19 de novembro de 2004). Disponível em: <<http://www.mozambique.mz/pdf/constituicao.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2012.

SABLAYROLLES, Jean-François. Etudes neologiques en français de France. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS/Humanitas, 2007. p. 15-22.

TIMBANE, Alexandre António. O léxico nas crônicas de Arune Valy: uma identidade da moçambicanidade. *Revista língua e literatura*, v. 14, n. 23, p. 25-51, 2012a.

_____. Os empréstimos do português e do inglês na língua xichangana em Moçambique. *Linguagem: Estudos e Pesquisas, Catalão*, v. 16, n. 1/2, p. 53-79, jan./dez. 2012b.

_____; BERLINCK, Rosane de Andrade. A norma-padrão europeia e a mudança linguística na escola moçambicana. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 32, p. 207-226, 2012.

TIMBANE, Alexandre António. A criatividade lexical da língua portuguesa: uma análise com brasileirismos e moçambicanismos. *Revista Caligrama: revista de estudos românicos*, Belo Horizonte, v.18, n. 2, p. 7-30, jul./dez, 2013a.

_____. *A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique*. 2013. 318 f. il. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013b.

_____. A variação terminológica dos termos de futebol moçambicano. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (Org.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013c. p. 145-166.

Recebido em: 14/07/2014

Aceito em: 10/10/2014